

DESAFIOS PARA MOÇAMBIQUE 2018

(Apresentação Geral do Livro)

Teresa Cruz e Silva

Maputo, 08 de Novembro 2018

Centro de Conferências TDM

As minhas primeiras palavras são para agradecer ao IESE pelo convite que me foi endereçado para fazer uma apresentação geral de DESAFIOS PARA MOÇAMBIQUE 2018, e ainda para felicitar vivamente o IESE pela 9ª edição desta série que constitui a marca registada desta instituição, fazendo parte do seu capital social, lado a lado com outras publicações, com destaque para IDEAS ou Cadernos IESE.

Uma breve análise sobre as publicações do IESE permite-nos seguir o roteiro percorrido pela instituição desde a sua fundação em 2007, onde são ilustradas as suas linhas de pesquisa e desenvolvimento. A edição 2018 não foge desta tradição.

Uma leitura de outros números de DESAFIOS mostra-nos que se trata de uma série, que publica trabalhos desenvolvidos pelo IESE, muitas vezes em parceria com outras instituições, reflectindo ainda os resultados de conferências realizadas pelo Instituto de Estudos Económicos e Sociais. O presente número, seguindo a tradição que marca esta série, está organizado em quatro grandes temas: Política, Economia, Sociedade e Moçambique no Mundo, apresentando também uma parte importante dos resultados da V Conferência Internacional do IESE realizada em 2017, com o tema “Desafios da Investigação Social e Económica em Tempos de Crise”.

Não tenho qualquer pretensão de fazer um resumo do conteúdo de Desafios 2018, já elaborado, e muito bem, pelo organizador desta edição, Salvador Forquilha, e difundido no convite público feito pelo IESE e que os presentes poderão ler ou reler depois da aquisição do livro.

A presença de três dos co-autores desta publicação e do seu organizador que é também co-autor, cobrindo as secções de Política e Sociedade que integram a obra, abre espaço para irmos para além do que são a maior parte dos lançamentos de livros, com cariz de ritos de passagem, em que depois do ritual de lançamento se vendem e/ou se oferecem as respectivas publicações. Com a presença destes autores que são também pesquisadores do IESE, é pois possível estabelecer uma ligação entre autores e leitores/convidados, através de um debate frutífero e esclarecedor que terá lugar depois da apresentação de cada um.

Assim sendo, cingir-me-ei a tocar em alguns pontos deste livro, que chamaram mais a minha atenção, e sempre no contexto das publicações do Instituto de Estudos Sociais e Económicos e, particularmente, das edições desta série.

Num momento em que as instituições de ensino superior e pesquisa enfrentam enormes dificuldades quer para financiar a pesquisa quer para publicar, dados os desinvestimentos crescentes particularmente nas instituições públicas, “Desafios para Moçambique 2018” é uma das melhores ilustrações da persistência do IESE em manter e desenvolver análises de carácter multidisciplinar, garantir a liberdade para prosseguir agendas de pesquisa independentes, perseguindo os objectivos da sua criação e exemplificando como é possível desenvolver formas alternativas para colocar as ciências sociais na formulação e resolução de problemas contemporâneos, tirando partido do facto do conhecimento ser uma forma de exercício do poder.

Contrariando as análises que se fazem sobre a produção científica em Ciências Sociais em África, frequentemente designada extrovertida, porque virada para servir outros interesses e destinos que não propriamente os africanos, os textos que compõem DESAFIOS 2018 partem de uma realidade concreta que é Moçambique e o continente Africano, afastando-se de um universalismo conceptual abstracto que descontextualiza as experiências locais. Todavia, sem ignorar os contextos estruturais globais, colocando-se assim, numa análise que se situa nos ensinamentos de Amílcar Cabral ou Aquino de Bragança sobre a importância de mergulhar nas nossas realidades, ou ainda no quadro do pensamento de Paulin Hountodji (2008) para quem a apropriação e capitalização do conhecimento disponível deve ser feita de uma forma crítica, lúcida e responsável.

A edição Desafios 2018 levanta a meu ver cinco questões que nos projectam para os contextos que estamos a viver neste momento em Moçambique:

- 1- Processos eleitorais nas diversas vertentes e os desafios que os municípios devem enfrentar
- 2- A terra a questão agrária
- 3- Acesso e exploração de recursos naturais e pobreza
- 4- Integração regional
- 5- Cooperação

Para além de outros debates, particularmente na secção de economia, que fazem já parte da marca registada do IESE.

Embora a dinâmica das Conferências do IESE tenha regularmente temáticas ligadas a questões de mulheres e género, chamou-nos particularmente a atenção, o facto deste número publicar um artigo sobre desigualdade de género em contextos rurais, um tema que é transversal a muitos dos assuntos tratados nesta e noutras secções do livro, sobretudo quando se discute o acesso e controle de recursos, a terra, a questão agrária e a pobreza, tratadas distintamente nas secções de economia e sociedade. Cientes que em muitos destes processos as mulheres acabam por ocupar o lugar de “não cidadãos”, não podemos ignorar que na luta pela defesa dos direitos humanos, as reivindicações das mulheres começam já a ser incorporadas. Daí a minha referência particular a este texto.

Embora esta edição de desafios tenha, como já referido, um largo número de artigos produzidos para a Conferência do IESE de 2017, com participação internacional, mesmo assim, é possível perceber um progressivo número de autores nacionais jovens que têm vindo a crescer juntamente com o desenvolvimento e amadurecimento do IESE, enquanto instituição, onde a continuidade e a renovação entre gerações permite alargar o campo de investigação em Ciências Sociais, assim como, criar novas redes de pesquisa e dilatar as já existentes.

Num contexto em que se debatem alternativas e se apresentam formas de resistência pareceu-me interessante o fechar do livro na secção Moçambique no Mundo trazer para

a mesa de debate uma discussão sobre os BRICS em África, onde, como dizem as autoras do artigo: “Em economias periféricas, os BRICS entram juntamente com os países ocidentais, na busca de recursos naturais e energéticos, mão-de-obra barata, mercado consumidor para os produtos, numa nova competição geopolítica regional e mundial”. E as autoras afirmam ainda que: Isto acarreta desafios nas lutas por resistências.

Finalmente, também me pareceu relevante, no actual contexto económico e político de Moçambique, Marc de Tollenaere trazer para esta discussão, um aspecto que o autor considera negligenciado na chamada ajuda ao desenvolvimento, o factor humano, que afinal auxilia a influenciar e a moldar a dinâmica das relações entre Moçambique e os seus parceiros quer os “tradicionais” quer os alternativos, como são alguns países dos BRICS. A questão torna-se mais interessante, particularmente quando a discussão sobre Desenvolvimento se situa num espaço de disputa teórica que pode envolver questões como bem-estar e suas dimensões, capacidade produtiva, crescimento económico, etc. tendo em conta a sua aproximação, pelas diferentes disciplinas.

No seu conjunto, os artigos publicados em DESAFIOS 2018 chamam a atenção para a necessidade de reflectir sobre a articulação entre políticas públicas e agendas mais inclusivas que procurem caminhos para fazer face aos impactos do neoliberalismo, buscando a “criação de expectativas sociais possíveis” (Sousa Santos, 2007) e “as possibilidades de construir cidadanias”(Depelchin, 2004), sem esquecer que embora haja potencialidades há também limites e por isso muitos desafios a enfrentar.

Para terminar, gostaria de referir que, há dias, relendo a feminista nigeriana Amina Mama (2007) sobre questões de ética no estudo de África, encontrei uma referência feita pela autora ao conhecido cientista político Claude Aké, que em 1994 declarava que, os intelectuais têm a particular responsabilidade de desmistificar os impactos do capitalismo e todas as suas manifestações opressivas na vida dos Africanos. Os temas abordados neste número de Desafios, onde a preocupação com a construção da democracia, e denúncia da pobreza e do crescimento exponencial da desigualdade, a integração regional e a cooperação, entre outras questões tratadas nos diversos artigos presentes nesta obra, não só nos levam a reflectir sobre a actualidade das palavras de Claude Aké

como ainda nos levam a questionar sobre o papel que a produção científica deve jogar para que haja uma alteração dos presentes contextos em que o país está ancorado.

Muito Obrigada.

Referências Bibliográficas

- . Amina Mama (2007) "Is It Ethical to Study Africa? Preliminary Thoughts on Scholarship and Freedom". *African Studies Review*. Cambridge University Press Volume 50 (1), April 2007: 1-26
- . Boaventura Sousa Santos (2007) " Para além do pensamento abissal: duas linhas globais e uma ecologia de saberes". *Revista Crítica de Ciências Sociais* (78).3-46.
- . Jacques Depelchin (2004) *Silences in African History: between the syndromes of discovery and abolition*. Dar Es Salaam: Mkuki na Nyota Publishers.
- . Paulin Houtondji (2009) " Conhecimento de África, Conhecimentos de Africanos: duas perspectivas sobre os Estudos Africanos". In: Sousa Santos, B. & Meneses, M.P. *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Almedina:119-131.